

Arquitetura Brasileira – Características mais recentes

Com o projeto da igreja de São Francisco da Pampulha, o arquiteto Oscar Niemeyer inaugura, por assim dizer, um novo ritmo na arquitetura moderna brasileira; embora os novos efeitos alcançados suscitem uma associação evidente com outras obras mais antigas – com as pontes em arco-parede, de Mailart, com a forma particular da abóbada de Orly, de Freyssinet, ou ainda com o conjunto de planos de certos projetos de Mendelsohn – estas realizações atuais estabelecem um sistema de proporções harmônicas que lhes proporciona um caráter estilístico contínuo e permanente, nem sempre presente àquelas outras obras.

É uma tendência manifesta para largas superfícies, verdadeiros panos de concreto. Digo, panos, porque são corpos de delgada espessura, sugerindo uma leveza muito íntima e em muito semelhante à dos invólucros de balões e dirigíveis, superfícies de formas e orientações variadas, desenvolvendo-se e alargando-se, fugindo ou refluindo, participando de um espaço movimentado e quase mágico só comparável à expressão espacial do estilo barroco – mas, ao passo que este é irreal, composto de elementos posições sobrepostos e pendurados sobre uma estrutura de equilíbrio eminentemente simples ao passo que todos os seus volumes parecem suspensos por uma energia inexplicável e miraculosa, nas novas tendências da arquitetura moderna a realidade do equilíbrio é perfeitamente sensível, compreensível pelo menos, impondo-se sem qualquer efeito ilusório ou misterioso a relação entre carga e suporte.

Em vez do desaparecimento do muro, coberto, abafado por elementos plásticos múltiplos e vários, é justamente o domínio dos muros: possuindo curvaturas e inclinações diversas, mas cada qual trabalhando por si e colaborando no conjunto, numa concepção de estabilidade bem coordenada e tão ampla e tão profunda como se houvesse uma orquestração de valores elásticos. Não têm assim, esses muros, a verticalidade; ou, para expressar-se com maior clareza, não surgem mais subordinados a um verticalismo que em todas as épocas da arquitetura sempre foi mantido nas formas dominantes dos edifícios e que mesmo nos elementos curvos empregados, como arcos e abóbadas, exprimia-se por uma simetria de eixos, de planos meridianos, ou de interseções de superfícies regradadas.

A igreja da Pampulha é uma exuberante exposição de averticalismo. A marquise, na entrada, inclina-se sobre a horizontal; o suporte dessa marquise é inclinado sobre a vertical; a torre sineira é limitada por um feixe linhas retas aberto para o alto; o eixo da abóbada de cobertura mergulhada para baixo; a escada de acesso ao pequeno coro é um corpo de forma helicoidal irregular... E esta descrição faz lembrar a riqueza de movimento arquitetônico de uma igreja que não fosse do nosso tempo, mas que já estivesse construída no século XVIII. Apenas, por detrás dessas formas movimentadas não se pressentem o estuque e o sarrafo tão próprios dessa admirável carpintaria que foi o estilo barroco: os elementos da nova arquitetura, em aparente posição irreal, trazem no entanto a harmonia que se desenvolve entre carga e suporte e que já era patente entre os antigos – *Jene Harmonie, die als künstlerischen Ausdruck eines vollständigen Ausgleiches zwischen Stütze und Last in der Antiken Architektur sich entwickelt hat*, segundo a expressão de Max Dvorak *.

Mas se a estrutura portante dessa obra é em tudo diferente da do estilo barroco, o mesmo não se poderá dizer dos efeitos de perspectiva cenográfica que ambos oferecem e que lhes dão um ar de parentesco.

Se o problema da cobertura, ou melhor, o problema da abóbada, tomando-se aqui este termo em sentido geral, é a questão precípua da arquitetura; se, como diz Giédion, *from the beginning of architecture the vaulting problem has always brought forth the higher architectural expression of every epoch*, ou, citando ainda o mesmo autor, *se the vaulting problem had possessed an almost metaphysical significance in*

earlier period, podemos afirmar que nos tempos presentes estamos assistindo a uma das expressões mais altas da arquitetura e que perscrutamos o problema da abóbada com tão extremado interesse que tal ordem de pesquisa quase pode comparar-se à das especulações metafísicas.

Modificações dos “Pilotis”. As manifestações mais recentes da arquitetura brasileira não se traduzem apenas por essa ativa procura de ajustar-se, o melhor possível, ao realismo das novas formas estáveis – todos os problemas que se examinam na realização de uma arquitetura – problemas de iluminação natural ou artificial, de revestimento, de arejamento, de vedação, de acústica, e outros – têm contribuído igualmente, na hora atual, para a renovação dos ritmos arquitetônicos. Os próprios pilotis dos primeiros tempos da arquitetura moderna transformaram-se, assinalando agora com maior agudeza esse “canto dos pontos de apoio” de que nos fala Perret; os pilotis modificaram-se em formas plásticas que à primeira vista dão a impressão de esculturas e que são, entretanto, funcionais, pois resultam das transições entre os espaços criados, entre os prismas estruturais que coordenam a estabilidade da construção.

Os edifícios que compõem o conjunto da exposição do IV Centenário de São Paulo, o grande prédio que os M.M.M. Roberto estão construindo à Avenida Rio Branco, e tantos outros, adotam variadas disposições de colunas, todas partindo do mesmo princípio que determinou as construções sobre pilotis – uma maior liberdade de movimento no pavimento térreo.

Quanto aos outros problemas aludidos, registro que são inúmeras as soluções felizes e dignas de ficarem incorporadas às boas características da arquitetura brasileira contemporânea.

No Edifício Anglia, dos irmãos Roberto, foi usado um tipo de esquadria de efeito inteiramente novo, com pequenos *brise-soleil* dispostos horizontalmente, com venezianas de madeira, basculantes sobre tirantes metálicos – esquadrias que dão à fachada principal uma impressão excelente e trazem à memória vagos aspectos de antigas janelas mouriscas.

No conjunto de edifícios de apartamentos construídos no Parque Guinle e projetados por Lúcio Costa, há uma preocupação meticulosa com as superfícies de vedação, de tapa-vida, de quebra-luz, sendo utilizada uma variedade de tipos de cerâmica que vivamente participam na co-modulação e que comunicam à fachada uma forte ressonância de texturas em contraste. Essas cerâmicas resultam numa valorização de superfícies externas e mesmo numa riqueza decorativa talvez um pouco destoante da simplicidade original das fachadas modernas, todavia dentro de um ritmo simples e sincero.

O emprego do *louvered ceiling* em várias dependências da Universidade do Brasil, obra que vem sendo projetada sob a orientação do arquiteto Jorge Moreira, representa a principal contribuição dos modernos processos de iluminação artificial à arquitetura dos nossos dias.

A especificação de determinados materiais para a Rádio Tamandaré, projeto de Oscar Niemeyer, visa também os resultados plásticos que esses materiais vão introduzir na disposição do teto e das paredes do auditório.

Outra experiência digna de registro é a do arquiteto Sérgio Bernardes, procurando aliar a estruturas de concreto armado certos elementos em treliça de ferro soldado, de uma extraordinária delicadeza.

Todos estes resultados são reveladores de que a arquitetura brasileira, longe de paralisar-se em fórmulas exaustas, vai-se desenvolvendo com uma vitalidade surpreendente e uma riqueza de tendências e soluções bem compatível com os progressos da técnica e dos métodos construtivos.

Transformação da Abóbada. Na realidade; essa progressiva transformação da abóbada tem fornecido aos arquitetos modernos os mais variados tipos de coberturas abobadadas, de diretrizes circulares, elípticas, cicloidais, em catenária, de simples ou dupla ou múltipla

curvatura, produzindo superfícies cilíndricas diversas, de conóides, de hiperbolóides, etc., e mesmo das superfícies mais estranhas como essas que resultam das idéias, mais recentes, de Lafaille.

Associado ao problema da cobertura, e oferecendo também soluções construtivas e arquitetônicas de grande efeito, estão os elementos de travamento e fechamento de abóbadas – os anéis de tração, as cintas (*binder*) das abóbadas-tonéis (*Tonnengewölbe*), etc. – elementos esses que desempenham papéis semelhantes aos dos estribos ou contrafortes do estilo românico, aos dos arcobotantes do estilo gótico, ou aos das barras de travação das grandes estruturas metálicas das galerias de máquinas do século passado.

É copiosa a moderna literatura sobre o problema em apreço, inúmeras são as pesquisas e descobertas realizadas. Pela teoria da membrana, pelas séries de Fourier, vamos cada vez mais penetrando o mistério desses espaços vazios e fechados que o homem constrói para seu abrigo e a cujas relações, das partes para o todo, foi dado o nome de arquitetura. Vale a pena citar os Dischinger, os Finsterwalder, os Girkmann – verdadeiros teóricos dessas estruturas compostas de superfícies e que aos arquitetos sugerem formas novas, harmoniosas e belas.

1955